

HISTÓRIA SINGULAR DE UM GRUPO DE PROFESSORAS DA UMEI JULIETA BOTELHO NAS DÉCADAS DE 1980 A 2000.

Autora: Ana Kátilla Silva da Rocha Orientadora: Nazareth Salluto

UFF- Universidade Federal Fluminense – anakatila@id.uff.br

RESUMO: Este artigo contém um breve relato das narrativas de histórias de vidas de um grupo de professoras de educação infantil, que estão aposentadas e se conheceram na UMEI Julieta Botelho, uma das primeiras escolas maternas do município de Niterói, RJ.

Palavras-chave: Memórias, Narrativas, Julieta Botelho, Professora da educação infantil.

ABSTRACT: This article briefly describes the life history of a group of teachers dedicated to early childhood education. These teachers are now retired and have met at UMEI Julieta Botelho, which is one of the first nursery schools in Niteroi, RJ.

Keywords: Memories, Narratives, Julieta Botelho, Teacher of early childhood education.

Introdução:

Iniciar a vida escolar pode ser um processo difícil para uma criança de três anos, pois, ao sair do ambiente familiarizado, que é o seu lar, para um lugar desconhecido, faz-se necessário um pequeno período de adaptação. Neste momento delicado da trajetória infantil, surge como grande salvadora aquela que vai acabar com todo o “chororô” e mediar de forma doce a permanência da criança na creche ou na pré-escola: A professora de educação infantil.

Comigo foi diferente. Não houve choro. E, ao iniciar com apenas dois anos e meio no jardim de infância na década de 1980, que hoje é denominado UMEI Julieta Botelho, minha alegria era contagiante. Segundo minha mãe, eu queria muito estudar no colégio onde minha irmã estudara nos dois anos anteriores. Foi nessa época que conheci a minha primeira professora: Tia Lia.

Tia Lia não era irmã de minha mãe e nem irmã de meu pai, mas de certa forma eu sabia que o termo “tia” não vinha de um parentesco próximo, e sim de uma forma carinhosa de chamar a professora. E hoje, estudando pedagogia, compreendo melhor a importante figura do professor, pois segundo Grispino (2003):

O professor é uma imagem importante para o aluno; ele não substitui afetos familiares. O componente afetivo deve existir, mas nunca como ideologia. A criança precisa de alguém que a oriente com firmeza, que lhe transmita os valores de vida, e o professor é o mentor desse processo de criação.

Maria Lia pertenceu a uma geração de professoras do Julieta Botelho, que trabalhou na instituição quando a mesma pertencia ao Estado. Lembro-me bem dela. Cuidava de sua turminha, cerca de 20 alunos, com determinação. Trabalhava no período da manhã, e foi minha professora regente na instituição durante os três anos que estive lá, apesar da existência do sistema de rodízio, que foi criado por conta do espaço escolar e a quantidade de alunos.

Figura 1 – Professora Maria Lia e a aluna Ana Kátilla.



Fonte: arquivo pessoal

Quando retornei ao colégio para coletar informações de pesquisa para minha monografia fui informada que a professora Maria Lia havia falecido. O fato de não encontrar a minha primeira professora na primeira escola onde estudei me fez refletir e questionar: Qual a importância do professor para um aluno na pré-escola? A marca que um professor deixa para

seu aluno mostra a “beleza da alma do professor que coloca a serviço das crianças o seu eu, a dedicação, o carinho, o amor, o sorriso, a força, a atenção e a esperança” (ARCE 2001). E, ao deixar tanto de si, o professor também é envolvido por uma atmosfera marcante, que o faz guardar na memória muitas narrativas de momentos vividos no cotidiano escolar. Walter Benjamim (1994, p.227) nos descreve que “a memória é a faculdade épica por excelência”. É nessa perspectiva que vou dar visibilidade às narrativas orais de algumas professoras que se juntaram para formar o grupo “Julietes”.

As Julietes

Para descrever as memórias das “Julietes” é importante conhecer um pouco sobre a instituição, lugar onde o grupo foi criado. Durante a década de 1980, a escola era conhecida como Jardim de Infância Julieta Botelho. Inicialmente era denominada Escola Maternal Julieta Botelho. A mudança de Escola Maternal para Jardim de Infância se deu no ano de 1935 e o decreto foi publicado na edição 00188 do periódico Gazeta de Notícias. A escola pertencia ao Estado do Rio de Janeiro até o ano de 2008, e era mantida pela Secretaria Estadual de Educação. Em 2009 passou a pertencer ao município de Niterói e é mantida pela Secretaria Municipal de Educação e oferece até hoje o ensino em dois turnos.

Figura 2 – Publicação do decreto da denominação da escola como Jardim de Infância.



Fonte: Hemeroteca digital

O grupo denominado “As *Julietes*” foi formado por algumas professoras do turno da tarde, na época em que o colégio pertencia ao Estado, por uma brincadeira, durante uma festa de bazar beneficente que a escola oferecia para toda comunidade. Decoraram o bazar como se fosse uma loja, até montaram uma cabine para as mães experimentarem roupas. Esse evento foi apelidado pelas mães dos alunos por “boutique Juliete”. Unidas pela amizade, as professoras configuravam o clima escolar, conceito que Marcio da Costa (2008, p.457) descreve como uma das linhas analíticas de uma escola de prestígio:

[...] os padrões de relacionamento entre os diversos atores, a interação pais-escola, a configuração do corpo docente, os recursos disponíveis e seu uso efetivo e a gestão/organização do trabalho educacional são outras dimensões potencialmente explicativas dos quadros observados que compõem o sintético conceito de “clima escolar”.

Mais de 30 anos se passaram e as “Julietes”, atualmente aposentadas, ainda se encontram em intervalos bimestrais. Elas se reúnem para perpetuar a amizade que iniciou no período em que trabalhavam juntas e foi num desses encontros que conheci o grupo e pude ouvir histórias singulares e coletivas de experiências e de fragmentos do cotidiano vividas na unidade escolar.

Utilizando a história como metodologia e com os privilégios da oralidade, descrevo aqui relatos de pessoas que, como sujeitos sociais, compartilham uma experiência única, representando uma cultura em determinado tempo e espaço. “A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores” (Benjamim 1994). E, contrariando ao modelo clássico de investigação, a metodologia da história oral permite que os participantes narrem suas histórias com linguagem simples e natural.

As professoras que compõem o grupo “Julietes” são: Neuza, Ana Maria, Rosinéia, Marcia, Jucelma, Soninha e Isaura que é quem organiza as reuniões do grupo e quem foi eleita diretora do Julieta Botelho por 20 anos. E, ao participar do encontro no dia 03 de maio de 2018, fui muito bem recebida pelas presentes. O mesmo aconteceu com a professora Marcia, que foi a integrante recém chegada e recebida pelas amigas na escola:

“Eu era professora de 4º e 5º ano e fui fazer faculdade, precisei de estágio na educação infantil e pedi para minha diretora me transferir para o Julieta Botelho. Cheguei lá com um pouco de dificuldade para lidar com as crianças, mas graças ao apoio de todas as professoras eu consegui apresentar um bom trabalho. Desde então faço parte desse grupo maravilhoso e venho sempre que posso para a reunião”

Figura 3 – Professoras que formam as Julietes



Fonte: Arquivo pessoal da Diretora Isaura

Estando eu ali, no meio de professoras aposentadas, amigas de mais de 20 anos que, ao saberem da minha pesquisa sobre a escola Julieta Botelho, relembavam momentos de histórias de vidas que “são consideradas como memória coletiva do passado, consciência crítica do presente e premissa operativa do futuro.” (Kramer 2003):

Lembrança da professora 2: *“o professor era tudo dentro da sala e fazia tudo”*.

Lembrança da professora 6: *“lembra do teatro de fantoche que a gente fazia? Os alunos criavam as histórias e eles mesmos usavam os fantoches”*.

Lembrança da professora 3: *“nós cuidávamos da turma e havia crianças especiais e a gente dava conta, sem instrução mesmo, era por intuição e muito carinho”*;

Lembrança da professora 7: *“nós fazíamos todas as comemorações, e fazíamos reuniões com as famílias para resolver o que fazer”*.

Lembrança da professora 5: *“Eu sinto muitas saudades da nossa festa junina”*; *“da festa de final de ano, que os alunos apresentavam o auto de natal, o nascimento de Jesus, os pais adoravam”*.

Lembrança da professora 4: *“ O que tínhamos de trabalho era a experiência de cada uma e era um trabalho bem feito”*.

Lembrança da professora 1: *“todo lugar que encontro ex aluno ele ou ela lembra de mim com muito carinho”*

Analisando a fala da professora 3, no que diz respeito a inclusão escolar, lembrei-me das aulas de Educação Especial da professora Valdelúcia Costa, de alguns textos que abordam o assunto e dos debates quanto a formação dos professores que atuam no atendimento educacional especializado. A partir de 1961, políticas de atendimentos educacionais para pessoas com deficiências são fundamentadas em leis em nosso país, desde então, diretrizes apontam uma educação dentro do sistema geral de ensino. No entanto, para a Política Nacional de Educação Especial, a lei nº 5.692/71, que altera a LDBEN de 1961, “[...] não promove a organização de um sistema de ensino capaz de atender às necessidades educacionais especiais [...]” (BRASIL, 2008 P.3).

Ao longo das décadas, com a garantia do art.208 da Constituição Federal de 1988 de ofertar atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a Declaração Mundial de Educação (1990) e com a Declaração de Salamanca (1994), podemos observar alguns movimentos para a mudança desse quadro, conforme relata Jesus e Effegen (2012, p.19):

“Muitos movimentos vêm ocorrendo, desde a inserção de professores de Educação Especial nas escolas comuns para apoio aos professores regentes, até a abertura de salas de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado”

O processo de municipalização

Houve um período de apreensão pelo grupo quando, por força de lei, a escola passaria a ser administrada pelo município. Todas tinham sentimentos de ameaça, tinham receio de que fossem separadas: *‘um dia fomos até parar na comissão de Educação na Alerj’*, relatou uma professora. Foi um processo lento e de insegurança, a preocupação delas era se iriam ou não se adaptar às regras do município. Após muitas reuniões com a secretaria educacional, ficou decidido que as professoras ficariam na escola até se aposentarem. Com essa decisão, algumas professoras que já estavam com tempo suficiente para aposentadoria, aguardaram as outras para que se aposentassem juntas, o que coincidiu com o momento da mudança administrativa.

Duas “Julietes” voltaram à ativa após o processo de aposentadoria, a professora Soninha e a professora Jucelma. Não como professoras regentes, mas como professoras de apoio, para acompanhar crianças com necessidades especiais, vivenciando os movimentos de inclusão. Uma delas relata que voltou na “cara e na coragem”, havendo no início um estranhamento: *“na época do Estado não havia Pedagogia”* e *“a prefeitura dá muito curso de capacitação. Aprendi muito na troca com as professoras da rede”*. Naquele momento, a conversa partiu para um assunto muito questionado nos dias de hoje: a desvalorização da educação e do professor por conta da tecnologia: *“Os valores se perderam. Se eu tivesse que voltar a trabalhar hoje, eu não iria”* comenta Rosinéia.

Conclusões

A escola não é um espaço direcionado somente para as crianças, que aprendem conteúdos para fazer provas de avaliações futuras. É um espaço para formá-las ao longo de suas vidas, para torná-las capazes de ser um humano completo. É também um espaço cotidiano do profissional da educação, independentemente de sua função educacional. Um espaço de aprendizagem, crescimento e amizade, onde é possível trabalhar sem que haja qualquer disputa de poder e exclusão. É também um lugar onde surgem narrativas de histórias de vidas e de muitas lembranças de momentos únicos, compartilhadas entre sujeitos sociais, com vínculos afetivos próprios, sejam eles profissionais da educação, professores ou alunos. O Jardim de Infância Julieta Botelho foi para as “Julietes” um lugar de início, de estima, de conhecimento e trabalho, onde elas, ao longo de 20, anos puderam compreender e vivenciar o sentido da palavra família.

Referências

ACTOS e despachos do interventor fluminense. **Gazeta de notícias**, Rio de Janeiro, 10 ago.1935. Edição 00188. Disponível em <
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_06&pasta=ano%20193&pesq=
>. Acesso em 15 jan.2018.

ARCE. Alessandra. **Documentação Oficial e o mito da educadora nata na educação infantil**. São Paulo: cadernos de Pesquisa nº 113, julho 2001.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas I). Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Secretaria de Educação Especial, Ministério da Educação, Brasília, DF, 2008. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>

COSTA, Marcio da. **Prestígio e hierarquia escolar: estudo de caso sobre diferenças entre escolas em uma rede municipal**. Rev. Bras. Educ. [online].2008, vol. 13, n-39, pp.455-469. ISSN 14132478. <<http://dx.doi.org/10.1590/51413-24782008000300004>>.

GRISPINO, Isabel Sadalla. Por que professoras e não “tias”?2003. Disponível em : <
http://www.izabelsadallagrispino.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1324>. Acesso em 28/08/2018.

JESUS, Denise Meyrelles de; EFFGEN, Ariadna Pereira Siqueira. **Formação docente e práticas pedagógicas: conexões, possibilidades e tensões**. In: MIRANDA, T. G.; GALVÃO FILHO, T. A. (org.). O professor e a educação inclusiva – formação, práticas e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 17-24.

KRAMER, Sônia. **Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas**. Em S. J. Souza & S. Kramer (Org.), *Ciências humanas e pesquisa* (pp. 57-76). 2003. São Paulo: Cortez.